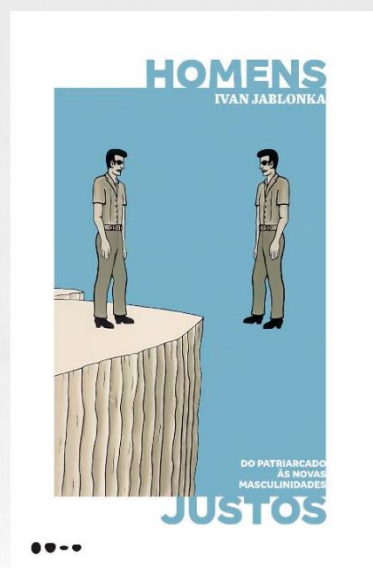


RESENHA
Homens Justos:
do patriarcado às novas masculinidades

*Moisés Lopes*¹

Universidade Federal de Mato Grosso



JABLONKA, Ivan. *Homens justos: do patriarcado às novas masculinidades*. Tradução de Júlia da Rosa Simões. São Paulo: Todavia, 2021.

LOPES, Moisés. *Homens Justos: do patriarcado as novas masculinidades* (Resenha). *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 10 (24): 623-628, setembro a dezembro de 2023. ISSN: 2358-5587

¹ Bacharel, licenciado e mestre em Ciências Sociais (UEL), Doutor em Antropologia Social (UnB), com estágio pós-doutoral em Antropologia Social (UFSC). Professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal de Mato Grosso.

Percorrendo a história da humanidade, desde o paleolítico até os dias atuais, enfocando, como o título aponta, a construção das masculinidades nesta longa duração, o autor Ivan Jablonka busca apresentar uma crítica às masculinidades que se constituíram até o momento nas sociedades humanas. Para isso o autor se vale de uma infinidade de diálogos com autoras e autores do campo que se convencionou chamar de estudos de gênero e feminista de um modo geral, e, em particular, das masculinidades com o objetivo político e acadêmico de apontar como o modelo de masculinidade que experienciamos hoje está ultrapassado. Em suas palavras:

Os homens travaram todas as batalhas, menos a da igualdade entre os sexos. Eles sonharam todas as emancipações, menos a das mulheres. Salvo poucas exceções, eles se acomodaram ao funcionamento patriarcal da sociedade. Tiraram proveito dele. Hoje como ontem, os privilégios de gênero são endêmicos em todo o mundo. O modelo tradicional de homem, cultivado por milênios de estereótipos e instituições, está ultrapassado. Obsoleto e nefasto, ele é uma máquina de dominação – das mulheres, mas também de todos os homens de masculinidade considerada ilegítima. A próxima utopia: inventar novas masculinidades. Transformar o masculino, para que ele se torne compatível com os direitos das mulheres e incompatível com as hierarquias patriarcais. (: 13)

Este é o início do livro, seus dois primeiros parágrafos, que apontam muitas questões importantes e interessantes para debate que serão desenvolvidas no decorrer apontadas em sua análise. Apresenta também uma espécie de manifesto político pela necessidade de se (des)construir a masculinidade e suas hierarquias patriarcais e re/construir novos modelos de masculinidades, “precisamos de homens igualitários, hostis ao patriarcado, que valorizem o respeito mais que o poder” (idem).

Para construir esta teorização e análise o autor divide o texto em quatro partes intituladas sequencialmente como: I – O reinado do homem; II – A revolução dos direitos; III – As falhas do masculino; IV – A justiça de gênero; além de uma introdução e uma conclusão. A linguagem do livro é extremamente acessível e fluida tanto para o público em geral quanto para o especializado na discussão em feminismo e gênero pretendendo efetivamente alcançar um espaço de obra de referência.

Na primeira parte, o autor faz um longo percurso sobre a construção do patriarcado apontando no final da primeira parte que

o patriarcado se define como um sistema em que o masculino encarna tanto o superior quanto o universal, em que proveito de uma maioria de homens e de uma minoria de mulheres. Ele é o sexismo institucionalizado na forma de prestígio e transcendência; sua cultura é a masculinidade de dominação (ou masculinidade patriarcal). É todo esse sistema que a revolução feminista questiona. (: 98)

Para a construção deste argumento o autor traz exemplos de modo transcultural apontando semelhanças e continuidades entre modelos de sociedades baseadas na divisão sexual do trabalho que são absolutamente distintas no tempo e no espaço, tais como os povos do Paleolítico Superior, do Neolítico, os Nambikwara do Brasil, as cidades estado da Grécia Clássica, os faraós do Antigo Egito, os Iroqueses da América do Norte, a civilização chinesa, hindu, da Nova-Guiné, a França e a Inglaterra Pós-Revolução Industrial, entre outras. O texto é recheado destes exemplos descolados de seus contextos sociais mais amplos que reafirmam de maneira rápida e apressada a teoria da existência de uma universal e transcultural dominação masculina pautada e naturalizada por/em uma divisão sexual entre os sexos/gêneros.

Esta argumentação alcança o ápice e o fundamento quando o autor aponta o dimorfismo sexual como um elemento da natureza dos corpos, mostrando que “Todas as sociedades, sem exceção, reconhecem a binariedade da espécie humana dividida em dois grupos: homens e mulheres” (: 24). Ora, a antropologia há décadas vem mostrando a grande variabilidade cultural no que tange as formas de concepção e construção dos corpos, vide por exemplo o clássico texto de Marcel Mauss, *As técnicas corporais*, de 1934 no qual o autor aponta o corpo no entrecruzamento entre aspectos fisiológicos e sociais; ou o texto de Thomas Laqueur *Inventando o Sexo* (2001) onde o autor aponta o processo de produção do dimorfismo sexual a partir de uma análise histórica do discurso médico, que até o século XIX concebia a mulher como um homem invertido e interiorizado; ou ainda as próprias análises de Judith Butler, em *Problemas de gênero* (2008), que mostra que o sexo faz parte de um discurso, uma operação performativa que produz dois tipos de ou dois sentidos sobre os corpos; ou ainda o amplo conjunto de textos e estudos que envolvem a análise da transexualidade/travestilidade e intersexualidade. As autoras e os autores se multiplicam e não citarei todas e todos aqui.

Um outro elemento que pode incomodar um leitor ou uma leitora crítica é decorrente justamente desta leitura transcultural que é a imposição de um já clássico olhar colonizador europeu sobre outras sociedades e culturas, reduzindo os modelos de outras sociedades e culturas ao modo de estruturação da sociedade ocidental.

Apesar, dessa naturalização do corpo e do sexo, ao menos Jablonka não incorre na naturalização do patriarcado, fazendo eco as falas das feministas da segunda onda do século XX que apontavam que se o patriarcado é socioculturalmente estabelecido também pode ser modificado, ou nas palavras do autor “o patriarcado não está ancorado na natureza humana: ele não é resultado de um determinismo biológico, nem de uma precedência intrínseca, ao modo pai/filho ou primogênito/caçula” (: 52).

Na segunda parte do livro, “A revolução dos direitos”, Jablonka se debruça sobre o impacto dos movimentos feministas defendendo a emancipação das mulheres e sua equidade, bem como apontando os fundamentos das desigualdades nas sociedades e seus reflexos na vida de todas as mulheres. Para isso, o autor percorre os debates e o movimento de mulheres desde o período da Revolução Francesa e apresenta a diversidade do movimento feminista, suas linhagens, seus projetos e suas demandas que se debruçam nos processos de historicização e questionamento da masculinidade hegemônica e do patriarcado.

Nesta discussão o autor começa a introduzir a importância da participação do homem nestes debates e introduz o questionamento, sobre a existência de homens feministas. Aponta que apesar da grande maioria das alas feministas rejeitarem esta hipótese e, algumas poucas alas apontarem a existência de “homens

pró-feministas” é possível explicar o feminismo dos homens a partir de uma postura ética e que está baseada em uma busca por justiça. Neste sentido, a luta que se estabelece para a emancipação da mulher não deve ser baseada em uma guerra dos sexos/gêneros, mas em um posicionamento político a partir da busca por uma sociedade mais justa.

Mulheres feministas são raras. Homens feministas, mais ainda. Mas eles existem. Alguns lutam contra o patriarcado, enquanto algumas mulheres se sentem bem dentro dele. A verdadeira linha de corte não opõe mulheres a homens (no modo oprimidas/opressores), mas feministas a não feministas, em torno de um engajamento. Essa linha estabelece uma separação entre, de um lado, pensadores, juristas, médicos, militantes dos dois sexos e, do outro, um bom número de homens hostis e uma massa de cidadãos indiferentes, favoráveis à manutenção da ordem sexual estabelecida. (: 179)

Posição política interessante do autor, polêmica para muitas mulheres feministas e que tem sido debatida dentro do próprio feminismo. Como o próprio autor aponta, há uma diversidade de feminismos dentro do feminismo. Mas, gostaria de acrescentar na análise do autor que se a luta feminista não se baseia em “uma guerra dos sexos/gêneros”, mas sim em uma busca por relações mais equânimes independente do gênero que a pessoa se identifique, esta luta também não ode deixar de lado outros marcadores sociais da diferença como as próprias feministas negras e do terceiro mundo vem longamente apontando em suas análises. A luta feminista tem de ser feita de forma interseccional, pensando nas múltiplas formas de diferença e de desigualdade, assim como a análise sobre as masculinidades.

Na terceira parte do livro o autor se debruça sobre as masculinidades apontando os problemas decorrentes do que ele chama de “patologias do masculino” que são constituídos por uma espécie de adulteração da “essência do masculino” causada pela misoginia. Cabe aqui o questionamento, sobre o significado atribuído a ideia de essência aqui, na medida em que reiteradamente ele apontou que as masculinidades em si são construídas, mas vamos seguir. Nas palavras dele,

A criminalidade mostra a que ponto o gênero masculino está contaminado por dentro. A selvageria é cometida por um indivíduo particular, mas ela decorre mais amplamente da misoginia, uma ideologia que, postulando a inferioridade das mulheres, organiza sua subordinação por meio de agressões, discriminações e estereótipos. Essas três formas de rebaixamento correspondem a três abusos de gênero: a masculinidade criminosa, a masculinidade de privilégio e a masculinidade tóxica. Por mais que a misoginia acompanha a longa história dos homens, ela não constitui a essência do masculino, mas seu desvirtuamento. (: 224)

Estas “patologias do masculino” que são responsáveis pelas altas taxas de feminicídio; pela reiteração de privilégios de classe, marcadores étnicos e etários associados ao gênero; e, pela masculinidade tóxica são longamente analisadas tendo como ponto central a relação entre mulheres e homens e a injustiça e inequidade social. No entanto, o mesmo autor que defende que existem homens feministas e que não se deve analisar o feminismo como “uma guerra dos sexos/gêneros” não aponta como estas mesmas “patologias do masculino” afetam outros homens como os negros, os GBTIs entre outros que também são alvos preferenciais destas formas de vivência das masculinidades.

Na quarta parte do livro o autor busca construir caminhos para desconstrução destas desigualdades longamente trabalhadas nas partes predecessoras do texto. Assim, aponta a necessidade de desconstrução da dominação do patriarcado, em especial, estas formas de masculinidades patológicas sem abolir as masculinidades que devem se adaptar aos novos tempos, respeitando as diferenças e lutando pela equidade. Para isso apresenta duas novas formas de masculinidades:

“as masculinidades de respeito” ou “de igualdade” e as “masculinidades de não dominação” que se baseiam nos valores de equidade de autoridades, de saberes, no reconhecimento da igualdade dos gêneros/sexos mas, também, na luta contra o patriarcado, a misoginia, as discriminações, as violências de gênero. Acrescentaria eu, na luta contra as desigualdades baseadas em orientações sexuais e identidades de gênero – ponto nada trabalhado pelo autor – assim como também na luta contra as hierarquias étnico-raciais, de nacionalidades e na luta contra as colonialidades – ponto esquecido pelo autor branco, cisheterossexual e francês.

Para o autor, é a partir da criação destas novas masculinidades de não dominação que surgiria o que o autor denomina como “homens justos” – grupo do qual ele parece se ver pertencente – que juntamente com as feminilidades poderiam dar início a novas formas menos hierárquicas de vivência do gênero.

Embora, o livro apresente alguns problemas como os apontados acima trata-se de um excelente ensaio que pode alcançar diversos homens, com sua linguagem acessível e exemplos diversos, e dar início a um processo de questionamento das formas de vivência das masculinidades no mundo contemporâneo, apresentando de maneira prática a relevância dos homens como agentes transformadores da sociedade ainda enraizada em desigualdades e hierarquias de gênero.

Recebido em 25 de agosto de 2023.

Aprovado em 10 de outubro de 2023.

Referências

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Laqueur, Thomas W. *Inventando o sexo: corpo e gênero, dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

MAUSS, Marcel. “As Técnicas Corporais”. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

A Aceno recebe em
FLUXO CONTÍNUO,
artigos livres,
resenhas,
ensaios fotográficos,
dossiês (propostas).
Interessados em atuar como
pareceristas
podem realizar seus cadastros no site